

CENÁRIO LATINO-AMERICANO

UM ACONTECIMENTO POLÍTICO: NASCE UMA COORDENAÇÃO ANDINA DE ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO EQUADOR, BOLÍVIA E PERU

RODRIGO MONTOYA *

Num Congresso ocorrido entre 15 e 17 de julho deste ano foi fundada a *Coordenação Andina de Organizações Indígenas*, integrada pela Confederação das Nacionalidades e Povos Kichwas do Equador (Ecuadorunari), Conselho Nacional de Ayllus e Markas do Qullasuyo (Conamaq), da Bolívia, Confederação Nacional de Comunidades do Peru Afetadas pela Mineração (Conacami), Coordenação de Identidades Territoriais Mapuche (Citem), Organização Nacional Indígena da Colômbia (ONIC), Confederação Campesina do Peru (CCP) e Confederação Nacional Agrária (CNA), do Peru. Enquanto, no Equador, o ex-ministro (em 2003) e líder indígena Luis Macas foi candidato nas últimas eleições presidenciais e, na Bolívia, Evo Morales, líder do Movimento ao Socialismo (MAS), se elegeu presidente em dezembro de 2005, parecia que o Peru era uma exceção. Agora temos uma novidade política de primeira ordem: a Conacami é o ponto de partida de uma organização política indígena. Depois de um curto processo de sete anos em defesa das comunidades camponesas afetadas pela mineração, esta organização acaba de dar um salto num congresso convocado expressamente *“para fazer política”*.

Em Cusco, por fim, aparecem outras caras, outros sobrenomes, da mesma cor da terra, ressaltando suas profundas diferenças com a classe política peruana que ignora por completo o problema étnico do país e não é capaz de aceitar seu racismo e desprezo com relação a tudo que é indígena. Seu dirigente principal é Miguel Palacín Quispe, um homem jovem nascido numa comunidade de Cerro de Pasco. Junto com seus irmãos do Equador e da Bolívia, eles têm uma visão própria do que está ocorrendo no continente e no mundo, possuem um juízo crítico suficiente para propor um horizonte novo e a vontade necessária para renovar a política com outras práticas e outros discursos: *“Não queremos que os Estados nos dêem uma mão, antes desejamos que eles tirem as mãos de cima de nós. Cortaram nossos galhos, nossas folhas... mas não as raízes e, agora, voltaremos! Dez vezes nos golpearam... dez vezes nos levantaremos! Voltamos a ser propositivos: fizemos este histórico reencontro sob o grito de Túpac Katari: ‘Voltarei e serei milhões’”*.

Trata-se de uma organização de povos quéchuas de três países, à qual, depois, se somarão os povos amazônicos e litorâneos. Passo a passo, sem pressa, irá formando-se uma alternativa política para os Povos Indígenas e todos os nossos países andinos. Algumas das idéias fundamentais são:

1. Uma claríssima negação do atual Estado peruano: *“Rejeitamos a nova estratégia de colonização capitalista e neoliberal, através dos Tratados de Livre Comércio (TLC) (...), comprovamos que essa neocolonização revela a*

caducidade das estruturas políticas, econômicas e sociais dos chamados Estados-Nação, dos Estados Uni-Nacionais, Uni-Culturais, que foram formados e continuando atuando a partir da exclusão da ampla diversidade de Povos, Nações e Comunidades Andinas; e que não foram sequer capazes de estabelecer nem mesmo defender as sociedades, economias e culturas dos países andinos”;

2. Uma proposta central, qual seja, construir outro Estado, multinacional: *“Refundações como Estados Pluri-Nacionais que nos incluam e sejam construídos com base nos princípios de equilíbrio em igualdade de condições, rotação, reciprocidade e redistribuição”;*

3. Um reencontro de homens e mulheres orgulhosos de suas culturas e das tradições dos países andinos com a natureza: *“Nos afirmamos em nosso orgulho social e cultural, baseados em nossas sabedorias, conhecimentos, valores, éticas e tecnologias, em harmonia com a mãe natureza, a história e nossas espiritualidades próprias”;*

4. O princípio dos irmãos zapatistas mexicanos aparece de modo transparente: *“Reiteramos que a estrutura da Coordenação Andina recolhe os princípios comunitários e indígenas do controle coletivo, a rotação, ‘Mandar Obedecendo’, unidade na diversidade representada pelos delegados e delegadas das organizações de cada um dos países integrantes”;*

5. Um severo questionamento acerca da democracia sem cidadãos existente em nossos países: *“Conformação de Assembléias Constituintes, com representantes oriundos dos Ayllus, Markas e Comunidades, não de partidos ou eleições tradicionais”;*

6. Voltar a perceber o espaço nacional e *“reconstituir os territórios e institucionalidades dos Povos Indígenas”;*

7. *“Convocamos as mulheres e homens, explorados, oprimidos e marginalizados, camponeses, cocaleros, ribeirinhos, afro-americanos, moradores de favelas, ranchos e invasões, trabalhadores ‘informais’, estudantes, operários, intelectuais e todos os demais grupos sociais, na diversidade de suas formas organizativas urbanas e rurais, que resistem à selvageria capitalista neoliberal a UNIR-NOS POR UMA LIBERTAÇÃO DE TODOS CONTRA TODO TIPO DE EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO, para a qual esta Agenda Indígena é um insumo, que os convidamos a analisar, de maneira a articular os processos mais amplos de unidade na diversidade”;*

8. Diante da histórica cegueira, *“propomos que todas as instâncias internacionais (Multilaterais, Nações Unidas e outras) deixem de invisibilizar-nos e substituir-nos e levem em consideração nossos direitos”.*

Quem escreve estas propostas são dirigentes indígenas bilíngües e trilingües, plenamente modernos, críticos de seu tempo, que viajam, lêem, cantam e desfrutam da vida, com seus laptops e celulares. Eles e elas já não precisam falar através de vozes emprestadas, como aqueles bonecos de ventríloquos.

Depois do assassinato de Túpac Amaru II, o primeiro grande intelectual e político quéchua que dirigiu a Revolução Nacional de 1780, os Povos Indígenas peruanos pagaram muito caro essa derrota porque os espanhóis proibiram que chamados índios aprendessem a ler e escrever, se vestissem com seus trajes próprios e adotassem a moda ibérica, lessem **Os Comentários Reais** do nosso Inka Garcilaso de La Vega. No Equador, periferia do velho Vice-Reinado, surgiu há 25 anos atrás a primeira geração de intelectuais indígenas. Depois, a Bolívia seguiu o exemplo e, mais tarde, o Peru. As distâncias diminuem, os bons exemplos viajam como as canções e se reproduzem pelo ar que respiramos. Não há Ministério do Interior no mundo que possa impedir o exercício de nossa liberdade.

Uma moção aprovada no Congresso abrirá outra etapa na história das guerras religiosas no nosso continente. A Coordenação Andina de Povos Indígenas pedirá ao Papa a devolução do *Qoricancha*, templo sagrado maior dos Incas, situado em Cusco e ilegalmente ocupado pelos dominicanos. Trata-se de um gesto simbólico de afirmação da espiritualidade indígena frente à opressão católica e cristã de mais de quinhentos anos.

Boaventura de Sousa Santos, intelectual português, o economista peruano Aníbal Quijano e quem escreve estas linhas fomos convidados ao Congresso. Demos nosso parecer e oferecemos nosso apoio. Concordamos que o nascimento desta Coordenação é um acontecimento histórico. Também estive aí presente Hugo Banco, já no outono de sua vida, como um quéchua convencido da necessidade de uma força política indígena plenamente autônoma.

Como não lembrar do Amauta José Carlos Mariátegui (1894-1930) e de Alberto Flores Galindo (1949-1990)? Mariátegui sustentou, quase oitenta anos atrás, que as reivindicações indígenas são revolucionárias e fazem parte da melhor tradição universal, havendo apenas que esperar as reivindicações culturais dos Povos Indígenas serem convertidas em políticas e que a libertação indígena seria obra dos próprios indígenas. O Equador, a Bolívia e o México vivem já esse momento. O Peru dá seus primeiros passos firmes nesta direção. Antes de morrer, Tito Flores Galindo nos recordou que há um horizonte utópico europeu e americano. Ele o viu nos sonhos de alguns rebeldes de nossa história, em quadros de pintura, nos relatos das primeiras lutas pela terra, nos paraísos criados por Thomas Morus, Tommaso Campanella ou os anarquistas de Barcelona. Se estivesse vivo seguramente teria estado presente neste Congresso do Cusco.

Humberto Cholango, dirigente maior de Ecuarrunari, após seu primeiro encontro com Saqsaywaman, disse no discurso inaugural do Congresso que “*sentia um novo vôo do condor*”. Trata-se de uma percepção compartilhada.

** Rodrigo Montoya Rojas é antropólogo, doutor em Antropologia (Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima) e em Sociologia (Universidade de Paris) e professor emérito da Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Do mesmo Autor, ver “Mandar obedecendo: a outra forma de poder” (entrevista) (**Cadernos do CEAS**, 221: 41-65. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, jan.-fev., 2006).[rodrigo.montoya@terra.com.pe]*